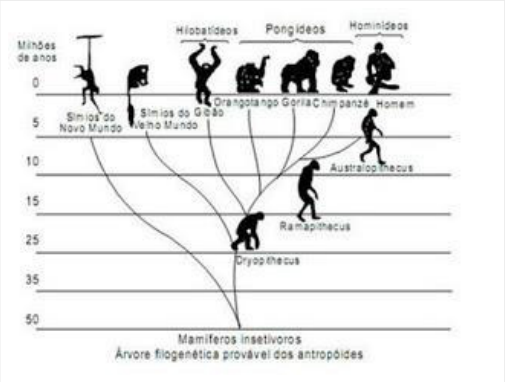
Contra Impugnantes

Espaço destinado a combater a insidiosa e multiforme cultura liberal, que tem entre as suas raízes mais daninhas: uma falaciosa noção de liberdade humana; a idolatria — implícita ou explícita — da consciência individual; a separação entre natureza e moral; a contraposição entre Estado e indivíduo; a dissolução da Religião em categorias morais sem fundamento metafísico; a perda da noção de bem comum político.

quinta-feira, 9 de fevereiro de 2012

A metafísica contra a teoria da evolução (IV): a deificação da matéria



(continuação deste texto)

Sidney Silveira

Ficou assentado que **uma ciência que lida apenas com *causas acidentais* não está aparelhada para conhecer sequer a origem da série causal em seu próprio âmbito de investigação**, que dirá para dar a uma hipótese o estatuto de verdade universalmente válida. Este é o caso da biologia quando pretende aplicar a hipótese da evolução à origem das espécies (e portanto da vida):**[1]** ela o faz sem ter instrumentos filosóficos para tanto. Em poucas palavras, uma ciência é dita *natural* justamente porque o seu objeto está no limite da natureza, e investigar o princípio — seja de que forma for — é fazer ciência acerca das *causas* da natureza. É, portanto, fazer metafísica e não ciência natural.

No plano lógico, essa impossibilidade se dá porque, nas séries de causas ordenadas acidentalmente, jamais a razão pode chegar a um primeiro em sentido absoluto, pois sempre se poderá acrescentar logicamente mais uma causa à série.**[2]** Duns Scot, filósofo que somos insuspeitos para elogiar, ensina bem isto no *Tractatus de Primo Principio*. Ocorre que, se a biologia saísse da série acidental de causas naturais na qual está imersa, ainda que a pretexto de investigar uma suposta origem da vida, já não seria ciência natural, como acima se destacou.

E mais:

- **a hipótese da evolução**, mesmo se forçosamente a desvinculássemos da questão referente à origem das espécies, **em**

AJUDE O TRABALHO DO C.I.

Doar

Doar com pagseguro

Sua compra protegida

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
AG: 0174,
OP. 013,
CONTA: 44234-7

VISITE O NOSSO SITE

C.I.

Seguidores

Seguidores (669) Próxima

Seguir

Arquivo do blog

- ► 2017 (3)
- ► 2016 (25)
- ► 2015 (80)
- ► 2014 (149)
- ► 2013 (117)
- ▼ 2012 (156)
  - ► Dezembro (16)
  - ► Novembro (11)
  - ► Outubro (9)
  - ► Setembro (25)
  - ► Agosto (13)

> **virtude do seu caráter de explicação totalizante, abarcadora de toda a série causal** (dos primeiros organismos unicelulares até as espécies contemporâneas, que deles "evoluíram"), **padece de semelhante carência: nas causas ordenadas acidentalmente, é impossível definir um primeiro *simpliciter***. Mas sem o primeiro não há o segundo e, portanto, não existe a série. Querer, pois, estatuir uma verdade que englobe uma série de causas sem conhecer sequer o princípio dela é, para dizer o mínimo, ter da ciência um conceito muito baixo.**[3]**

No plano ontológico, por ora basta-nos o fato já apontado de que a forma dos entes é princípio de especificação e de operação. E que, para não sucumbir diante da primeira objeção filosófica, a hipótese da evolução precisaria provar antes de tudo a possibilidade de uma *forma entis* ir além das potências que a circunscrevem. E não venham os biólogos argüir que se está misturando biologia com metafísica, ciência com filosofia, pois na verdade é justamente o oposto que ocorre: **a cobrança de uma prova metafísica para a hipótese da evolução impõe-se porque, em si, tal hipótese é má-metafísica com roupagem de ciência natural**, na medida em que aventa uma premissa que não lhe cabe *enquanto ciência natural*.

Evolução e deificação da matéria

O problema dos evolucionismos em geral não diz respeito apenas aos métodos de que se valem os seus propugnadores — inapropriados para a hipótese que pretendem provar cientificamente. Levadas as suas premissas às últimas conseqüências, observa-se que **a teoria da evolução é uma mal-disfarçada espécie de *deificação da matéria***, pois, ainda que os naturalistas não saibam sequer o que seja propriamente a matéria, o fato é que, com a hipótese da evolução, creditam a ela um tipo absurdo de "omnipotência", como veremos. O irônico de tudo isso é verificar que **se trata de materialistas que desconhecem a natureza da matéria**, o que no entanto se explica: quem conhece o que é a matéria deixa no ato de ser materialista, pois a matéria, mesmo quando organizada por uma forma, não dá conta de explicar a ordem do ser.

Pois bem. Comecemos por um axioma escolástico muito simples e de valor universal: *operari sequitur esse* (o operar segue o ser) Ora, dizer isto significa o seguinte: **nada opera senão enquanto *é***, pois o não-ser não pode operar. Portanto, o ser é a raiz primária de todas as operações, e, por conseguinte, de todas as potências. Nas palavras de Santo Tomás, ele é *o ato de todos os atos e a perfeição de todas as perfeições*. O seu primado é, portanto, absoluto, na medida em que **o ser é o ato primeiro por si subsistente** (*primus autem actus subsistens per se*, na expressão precisa e concisa do Aquinate).**[4]**

Mas **o ser** tem outra característica marcante: por estar pressuposto em absolutamente em todas as coisas, ele **é a atualidade de todas as formas existentes** (*actualitas cuiuslibet formae existentis*).**[5]** Noutras palavras, toda forma — que, como vimos, é o princípio de especificação, ou seja, é o que distingue os entes em espécies — está para o ser assim como a potência está para o ato. E a matéria, por sua vez, está em potência para a forma, e ao unir-se a ela demarca um princípio e também um limite operativo para o ente. Assim, que um jacaré consiga ficar até duas horas embaixo d'água decorre do fato de que a matéria está nele organizada pela

► Julho (16)
► Junho (17)
► Maio (11)
► Abril (2)
► Março (8)
▼ Fevereiro (13)
Adoro te Devote — o hino eucarístico de Santo Tomá...
A conversão e seus frutos
A metafísica contra a teoria da evolução (VII): ai...
"Santo Tomás de Aquino: a Cidade em Ordem a Cristo...
O que ninguém vai lhe contar sobre o comunismo: a ...
A metafísica contra a teoria da evolução (VI): a n...
A metafísica contra a teoria da evolução (V): a cr...
Em breve, a Suma Teológica comentada (questão por ...
O fanático e a filosofia
A metafísica contra a teoria da evolução (IV): a d...
A metafísica contra a teoria da evolução (III): in...
A metafísica contra a teoria da evolução (II): res...
A metafísica contra a teoria da evolução (I)
► Janeiro (15)
► 2011 (198)
► 2010 (174)
► 2009 (225)
► 2008 (164)

Google

forma *exatamente para operar assim*. A sua qüididade contempla, em elevado grau, um tipo de respiração anaeróbica, ao passo que a forma entitativa humana (ou seja, a *espécie* homem) não possui tais potências.**[6]**

Fixemos bem isto: o ser é o que de mais perfeito há em todas as coisas (*ipsum esse est perfectissimum omnium*) e é também a atualidade de todas as formas (*actualitas omnium rerum, et etiam ipsarum formarum*).**[7]** Em resumo, **não há formas sem ser**, e mais: a forma (enquanto essência) é o limite do ato de ser de um ente. Neste contexto, **o grau de nobreza ontológica de um ente corresponde ao grau de ser que é atualizado nesta ou naquela forma**, a qual dá ao ente tais ou quais possibilidades de operar; dá a ele, portanto, *species*. Assim, que o macaco de Darwin não possa resolver um problema de física quântica ou compreender as teses evolucionistas radica no fato de que a sua *forma entis* não possui potências intelectivas capazes de assimilar imaterialmente as formas das coisas. Ademais, pressupor que tal símio possa um dia — por meio de um complexo processo evolutivo "natural" — transcender às notas individuantes da matéria, sem ter contudo potências que o habilitem a tanto, é estabelecer um abismal salto na natureza.**[8]**

Vale neste ponto relembrar que, **na integração da forma com a matéria, compete à forma fixar a substância de ente num gênero ou numa espécie**. Ora, vimos que a matéria não pode ser princípio de especificação porque, se o fosse, todos os entes compostos de matéria e forma (justamente por possuírem matéria em seu composto) seriam de uma mesma espécie, o que é absurdo. E como ato primeiro de organização da matéria, que tem a operação como ato segundo, dele decorrente, **a forma define o ser substancial**.**[9]** No caso do homem, por exemplo, a alma intelectiva é a sua forma substancial.

Expostas todas estas coisas, observe-se que **a matéria é de uma indigência ontológica sem par**, visto que o seu grau de participação no ser é ínfimo. Sozinha, ela nada pode fazer, pois é inerte por natureza. E mais: tudo o que tem ser possui certas tendências, aptidões ou inclinações naturais, e neste contexto a *materia prima*, não podendo ser caracterizada como não-ser em sentido absoluto — pois então seria impotente para assumir quaisquer formas —, é tendência radical às formas. Ou seja: **a *materia prima* é potência para o ser substancial,[10] ou, noutra formulação, ela é *princípio absolutamente potencial***. Ou seja, ela é informe *enquanto princípio potencial*, mas isto não implica que *na realidade* ela não possua formas, como se explicará adiante.

Para evitar mal-entendidos posteriores, vale dizer que nos referimos, com a presente definição, à *materia prima* enquanto potência, mas ainda não abordamos amiúde dois problemas:

> **a)** se a sua informação (ou seja, o receber as formas) foi simultânea ou sucessiva ao seu surgimento;
>
> **b)** e se ela foi informada apenas por alguns elementos ou já recebeu formas entitativas prontas.

Baste-nos frisar que, como *primo principium passivum*, ela é potência para o ser; ou seja, é ser *potencial*.**[11]**

A propósito, observou-se anteriormente que a física não pode dar qualquer resolução teorética satisfatória acerca da natureza da *materia prima*, pois até mesmo para chegar-se à conclusão de que ela existe é exigida uma

abstração de terceiro grau — eminentemente metafísica. Muito menos a biologia ou outras ciências naturais podem fazê-lo. Portanto, **ao se indicar que os evolucionismos *deificam* a matéria, por lhe atribuírem superpotências operativas, está-se fazendo referência imediata à *materia secunda*, que é potência para o ser acidental, e não à *materia prima* enquanto potência para o ser**, que eles sequer alcançam conceber.

Abra-se aqui um breve parêntese para registrar que há, **no tomismo contemporâneo, quem sustente a idéia de que a *materia prima* se identifica de alguma maneira com as formas "elementais"[12] a partir das quais se teriam desenvolvido sucessivamente formas posteriores** — tese de que discordamos peremptória e decisivamente. Entre outras cosas porque o Aquinate é claríssimo ao afirmar, em diferentes passagens de sua obra, que **o estado informe da matéria** (*materia prima*) **não precedeu no tempo à sua informação** (*materia secunda*).

Entre outros argumentos, pelos seguintes:**[13]**

- Se a matéria informe precedeu em duração à matéria informada, isto implicaria dizer que ela existia em ato *antes* de ser informada. Ora, tal premissa pressupõe a existência de um ser atual sem ato, o que implica contradição (*quod implicat contradictionem*).

- Toda imperfeição de um efeito provém de imperfeições no agente que o causou. Ora, Deus (cuja existência está provada) é o agente omniperfeito. Logo, nenhuma coisa feita por Ele poderia ser, em sentido absoluto, informe *na realidade* (o que indicaria certa imperfeição).

- Se o estado informe (*materia prima*) porventura precedeu no tempo à formação da matéria (*materia secunda*), seguir-se-ia que, desde o princípio, reinou a confusão entre as coisas materiais, à qual os gregos chamavam *caos*.

Ora, como **o tempo surge com a *materia prima*,[14]** daí se segue que, se houver alguma precedência da *materia prima* com relação à *materia secunda*, será quanto à natureza, mas não cronológica.**[15]** Para a compreensão disto, deve-se saber que Deus está fora do tempo; portanto, opera Ele desde a eternidade ordenando umas coisas a outras de acordo com a Sua Providência sapientíssima, razão pela qual os Seus decretos implicam, sim, precedência ontológica de umas coisas em relação a outras, mas não necessariamente cronológica.**[16]** Ocorre que de nenhuma dessas premissas se segue que a *materia prima* tenha possuído desde o início apenas formas "elementais" com potência para evoluir em outras — por meio de uma mescla acidental de elementos, embora se possa conceder que tal hipotética mescla possa realizar-se eficientemente por Deus, *de potentia absoluta*. Falaremos noutra ocasião acerca do tipo de atualidade que a *materia prima* possui, mas as características até aqui apontadas já nos servem como fio condutor da presente prova metafísica. Fechemos agora este parêntese relativo a um problema da escola tomista e voltemos ao tema que nos ocupa.

A *materia secunda*, justamente por já estar informada, participa do limite de ser e de operação que há no ente. Mas ela, assim como a *materia prima*, também não possui potências ativas — mas tão-somente potências passivas, que são (reiteremos!) *limitadoras* das potências ativas radicadas na forma. Assim, **desde os entes unicelulares do *pool* genético ancestral, pressuposto na hipótese da evolução, até o homem, existe sempre**

uma forma organizadora da matéria, mas também limitada por ela. Somente um ente sem composição de matéria em sua forma poderia não ser limitado pela matéria em seu ser e em seu operar.**[17]** Em resumo: **todo ente composto de matéria e forma possui um conjunto específico de potências ativas e passivas** (maior ou menor, não importa).

Mas as potências da matéria, exatamente por serem passivas, sofrem em geral a ação de outrem ao modo de corrupção. No melhor dos casos, sofrem-na ao modo de adaptação ao meio — com mudanças acidentais e/ou substanciais que *já estavam incluídas na potência daquela matéria informada*. Assim, quando por exemplo se produz vinagre de vinho, a forma avinagrada proveniente do vinho é uma transformação devida a uma alteração química num ente natural orgânico, mas não uma "evolução", em sentido metafísico.

A corrupção da forma pela matéria, portanto, não é outra coisa senão a perda de elementos.**[18]** Mas a contrária não é verdadeira: a aquisição de novos elementos (ou a sua mescla pura e simples) não basta para gerar uma nova espécie com potências operativas superiores na ordem do ser, entre outros fatores em virtude de seu caráter *acidental* — e o acidente sequer entra na divisão por gênero.**[19]** Ora, **nos entes compostos de matéria e forma, o que não é *genérico* não pode, por sua vez, ser predicado como *específico* — pois a espécie é uma subdivisão do gênero**. Por isto, uma espécie composta de matéria e forma que não pertença a um gênero é tão possível quanto um círculo quadrado, porque nesta categoria de entes o gênero radica na matéria, e a espécie, na forma.

Por estes apontamentos se pode ver que **só é possível a hipótese evolutiva se se tem de antemão uma concepção da matéria informada como realidade potencialmente *ativa*** — e não como o que ela de fato é: potência passiva *limitadora* das operações da forma. Mas conceber isso é absurdo porque até mesmo os elementos constitutivos dos corpos cumprem um papel *predispositivo* da matéria em relação à forma, contribuindo para a integridade da natureza substancial mista. Nas palavras de Santo Tomás, **toda forma substancial requer uma disposição adequada da matéria, sem a qual não pode existir, daí ser a alteração um caminho entre a geração e a corrupção**.**[20]** Mas quem disse que a geração, neste caso, é de uma espécie com potências ativas superiores?

Fica, pois, estabelecido que a hipótese da evolução traz consigo a premissa oculta de que a *materia secunda* tem potências ativas "infinitas". Potências para mudar populações de organismos ao longo dos tempos — de maneira não-aleatória (seleção natural) ou de maneira aleatória (deriva genética). Seja como for, uma coisa é modificarem-se as características de uma espécie no decorrer dos séculos, ou mesmo chegar a espécie a corromper-se, extinguir-se totalmente; outra, muito distinta, é pressupor que uma espécie supere, de uma maneira ou de outra, as inalienáveis contingências metafísicas em que está arrojada.

Ademais, a primeira potência ativa na ordem do ser (radical e infinita) é d'Aquele cuja essência é ser *em sentido absoluto*. D'Aquele a quem, normalmente, damos o nome de Deus (*quam omnes Deum nominant*).**[21]**

1- É impossível falar de "evolução" das espécies de forma totalmente dissociada do problema da origem da vida, não obstante sejam questões distintas. Na presente série, o vocábulo "evolução" serve tanto para fazer referência à origem da vida

segundo os naturalistas, como para fazer referência à hipótese da evolução propriamente dita.

2- Mas não *ad infinitum*, visto que o infinito numérico é impossível. A menos que usemos o termo "infinito" por meio de uma analogia.

3- É claro que há incontáveis explicações naturalistas para a origem da vida na Terra. Mas **uma explicação que se pretende universal e não alcança valor de prova apodíctica não é outra coisa senão uma petição de princípios**. Ora, um metafísico jamais poderá aceitar que uma ciência se erga *inteiramente* sobre hipóteses. Neste contexto, quando se começa a procurar entre biólogos, geneticistas, paleontólogos, bioquímicos ou embriologistas quais são as suas explicações sobre a origem da vida, a discrepância entre eles já é um indicador de que não se trata de princípios nem de evidências, mas sim de **hipóteses mais ou menos plausíveis de acordo com sua maior ou menor conveniência com a tese defendida**. Portanto, *petitio principii*.

4- Tomás de Aquino, *Quodl. XII,* q.5, art.1.

5- Tomás de Aquino, *Quodl. XII,* q.5, art.1.

6- Reiteramos o que foi dito anteriormente: *species*, aqui, é um termo usado em clave metafísica.

7- Tomás de Aquino, *Suma Teológica,* I, q.4, art.1., ad.3

8- Além, é claro, de agredir um princípio metafísico universalíssimo: o operar radica no ser, e este se atualiza em formas com potências mais ou menos limitadas, visto que, **nos entes, a essência não se identifica com o ser em grau máximo**. Só em Deus a essência pode ser dita *ser em sentido absoluto*.

9- Referimo-nos aqui, evidentemente, às formas substanciais e não às formas acidentais.

10- Tomás de Aquino, *De princ.nat.,* c 1, n.338.

11- Definir a materia prima como princípio absolutamente *potencial* não implica dizer que ela seja o não-ser, mas sim tomá-la como o ser em potência ou potência para o ser — o que a distingue do nada.

12- Quase ao modo como alguns entenderam as *razões seminais* de Santo Agostinho.

13- Cf. **Tomás de Aquino**, *Suma Teológica*, I, q. 66, art. 1, *sed contra* e *corpus*. Neste ponto convém registrar que o tempo que se iniciou com a matéria informe.

14- Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 66, art. 4.

15- Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 66, art. 4.

16- A título de exemplo, é desse tipo a precedência das verdades capitais da teologia mariana. Maria é *mãe de Deus* e em ordem a isto é que recebeu a plenitude da graça. Há, portanto, precedência ontológica da maternidade divina de Maria em relação a ela ser plena de graça, mas não cronológica, porque em Deus não há *cronos*.

17- Ou seja: os Anjos.

18- Cf. **Tomás de Aquino**, *In Met.* V lec.4 n.800.

19- Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, III, q. 80,, a.3, ad.3

20-"Omnis forma substantialis propria requirit dispositionem in materia". **Tomás de Aquino**, *De mix. ele*, I, 6.

21- Tomás de Aquino, *Suma Teológica,* I, q. 2, art. 3, *resp*.

Postado por Adm. às 12:51

Postagem mais recente Página inicial Postagem mais antiga

Tema Simples. Tecnologia do Blogger.